

# Figueiredo sofre pressão para mudar atitude

TARCÍSIO HOLLANDA  
Da Editoria de Política

Já é um lugar-comum, entre importantes figuras do Governo e do regime, afirmar que o Brasil está atravessando uma fase pré-convulsional. Ganha corpo dentro do Governo a tese de que não adianta aviar a receita da recessão prescrita de acordo com os modelos clássicos que o FMI e os nossos monetaristas costumam aconselhar para vencer momentos de grave doença inflacionária, como a que atravessamos.

Não adianta o figurino clássico simplesmente porque não teremos os meios necessários para pagar a brutal dívida externa que assumimos se impomos ao país estagnação econômica dentro de um quadro inflacionário que resiste a todos os remédios. O próprio Secretário de Estado norte-americano, na homenagem da Câmara de Comércio Brasil-EUA ao Ministro da Fazenda, Ernane Galvão, reconheceu essa realidade.

Nenhum credor sensato quer a falência de um devedor viável como é o Brasil, como é o México, como é a Argentina. São os Bancos Centrais dos países ricos — agora reunidos em Williamsburg, na Virgínia — que têm de adotar medidas de profundidade capazes de alterar as regras do sistema financeiro internacional, restabelecer o dinamismo e justos níveis de trocas no comércio internacional para que os subdesenvolvidos possam honrar seus compromissos.

Importantes figuras do Governo, que adotam uma postura tão independente quanto austera em relação aos atuais e desgastados responsáveis pela política econômica, estão procurando mostrar tudo isso ao Presidente João Figueiredo, insistindo em que o chefe do Governo abandone a reação irritada com que costuma reagir à crise e altere a estrutura de ação dos órgãos encarregados de cuidar da política econômica — e não apenas substitua as pessoas que lá estão.

Essas importantes figuras estão dizendo ao Presidente que é urgente acabar com o domínio unipessoal que tem o Ministro Delfim Netto, do Planejamento, sobre toda a política econômico-financeira, a ponto de nenhum Ministro

O Presidente João Baptista de Figueiredo não pode continuar apenas irritado com a carga de problemas com que se defronta o Governo, sem que se abra à frente da Nação uma nesga de esperança. Não pode continuar difundindo o pessimismo, como se a doença não tivesse o remédio adequado. Como o comandante de um navio não pode ficar inerte diante de erros cometidos pelo primeiro piloto, precisa se livrar dele como se costuma jogar carga ao mar sempre que a embarcação está em perigo.

Essas personalidades do mais alto nível de confiança dentro do Governo querem uma mudança radical no tratamento da crise de forma que o País possa retomar o largo e mais cómodo leito do desenvolvimento econômico para conjurar a crise econômico-social, deixando a solução do grave problema financeiro com os ricos países do sistema capitalista, como se faz lógico para a maioria dos observadores.

Chega ao Presidente a observação dessas pessoas de que o trio que cuida da política econômica já não se faz necessário, uma vez que perdeu a credibilidade junto aos banqueiros internacionais — e não apenas perante a opinião pública brasileira. A solução da crise financeira que nos assalta terá de vir através do nível político mais alto.

A solução virá por uma ação direta e pessoal do Presidente Figueiredo, que precisa pegar o telefone e ligar direto para o Presidente Ronald Reagan e para outras personalidades de mando do sistema capitalista exigindo uma solução para os problemas financeiros, não apenas de nosso país, como de outros igualmente endividados e sem condições de honrar os altos compromissos assumidos.

A substituição de algumas peças na área econômica, no entendimento dessas figuras, não provocará nenhum trauma e terá o grande mérito de restabelecer a confiança da opinião pública no Governo, sensivelmente abalada com a continuação da crise e com a incapacidade das autoridades do setor em vencê-la. Não adianta conciliar com a timidez e a desconfiança, segundo esses auxiliares de grande prestígio no Palácio do Pla-

ter condições de contratar um funcionário sem consultá-lo a esse respeito — e dele obter a autorização adequada. Deseja-se uma mudança no enfoque com que o Governo trata da política econômica, mas considera-se indispensável mudar a estrutura dos órgãos da área.

Seria o caso, segundo esses amigos e conselheiros do Presidente, não de substituir apenas um homem só, mas de restaurar a antiga função do Ministério da Fazenda e transformar o Ministério do Planejamento, que nada planeja, em um órgão verdadeiramente de coordenação. O Presidente tem ouvido mais e mais esses conselhos e dá mostras de que é cada vez mais sensível a eles.

naltô — é preciso agir antes que a situação se torne incontrolável.

Ou o Presidente da República age logo ou não teremos sucessão presidencial ou transferência de poder, simplesmente por falta de clima e de condições. A convulsão social não interessa a nenhuma corrente política responsável — eis o que tem ouvido de auxiliares importantes, o Presidente da República.

O Presidente proclamou aos quatro ventos que o Brasil estava em estado de guerra — e tudo ficou apenas na retórica. Agora, da guerra entramos em estado pré-convulsional. Ou o Governo age ou perderá totalmente o controle da situação.